Júlio Hermann

AS DUAS VERSÕES DE NÓS DOIS

O amor pode ser uma surpresa

FARO EDITORIAL

AS DUAS VERSÕES DE NÓS DOIS

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 1 01/10/2020 09:19

Júlio Hermann

AS DUAS VERSÕES DE NÓS DOIS

O amor pode ser uma surpresa

FARO EDITORIAL

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 3 01/10/2020 09:19

Para todas as pessoas que já conseguiram mudar algo que não era saudável em si mesmas por amor a outra pessoa.

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 5 01/10/2020 09:19

SE PUDÉSSEMOS VOLTAR AO DIA EM QUE NOS CONHECEMOS, EU NÃO ESQUECERIA MEU CORAÇÃO NELE.

"HIGH HOPES", KODALINE

1

QUANTAS VEZES PROCURAMOS SER VISTOS ONDE SÓ EXISTE CERRAÇÃO?

Do meu lado da mesa, eu observava Olívia, que reclamava do namorado. Suas palavras escorriam pela mesa, mudas e sem sentido, porque, para mim, só os olhos dela existiam. Eu queria mergulhar naquela profundidade castanha que era proibida pra mim. Naqueles olhos morava uma surpresa ou um segredo que ela escondia a cada vez que os fechava. Mas o quê?

— Ei, acorda! — Ela estalou os dedos para chamar minha atenção. — Você acredita que, pra piorar, ele ainda recusou o convite pro cinema, no sábado, depois de eu ter comprado os ingressos? — ela perguntou, pegou a bolsa da cadeira ao lado, abriu o zíper, tirou os dois ingressos e jogou-os sobre a mesa. — Tá aí a prova do crime. Não tive nem coragem de trocar.

— Não dá pra pedir reembolso? — perguntei e pedi outra taça de vinho ao garçom. — Pelo menos, você não sai no prejuízo.

— Prejuízo? O prejuízo que eu tô tendo é aqui, ó. — Bateu o dedo indicador na cabeça. — Não vai haver psicólogo que dê jeito nessa merda. O Alfredo vai ter um prato cheio na próxima consulta.

— Tua cabeça é ótima, Olívia. Caso contrário, não te aguentaria há tanto tempo.

— Ah, Daniel, não enche, vai. — Ela tomou um gole de vinho, me olhou com uma cara desconfiada e bufou. — Quer saber? É pra isso mesmo que eu pago psicólogo. — Picou os ingressos com raiva e

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 7 01/10/2020 09:19

jogou os pedaços no pratinho dos caroços de azeitona. — Que se dane a maturidade.

— Afe. Podia ter me chamado para ir com você.

— Ah, Dan, você sabe que não ia rolar. Você me conhece. Sabe que eu ia passar a sessão toda reclamando dele. Ainda mais porque ele... — Respirou fundo e olhou para cima, à beira do choro. — Aquele filho da mãe jogou a culpa *em mim* e disse que eu planejo demais as coisas. Que não permito que a gente seja livre um com o outro.

— E você aceitou? Disse que estava tudo bem e ficou por isso mesmo?

— Ah...

— Mas, Olívia, não pode ser assim. Você sabe. — Esfreguei os olhos, tomei um longo gole de vinho e considerei chacoalhar a Olívia para ela acordar pra vida. — Eu fico com o maior peso na consciência quando tenho que cancelar um dos nossos jantares.

— Eu sei, eu sei... Daniel Carboni nunca cancela seus compromissos... — Ela me interrompeu porque sabia que eu começava a falar mal dos peguetes dela e não parava. — A gente parece mais um casal de namorados do que eu e o Thomas.

— E é isso mesmo! — Procurei os olhos dela, que estavam fixos sobre os ingressos picados. Cutuquei novamente: — Ele sempre dá pra trás. Se vocês estão juntos, não pode ser assim.

— Ah, não sei — ela retrucou e ergueu o braço direito com a taça de vinho para pedir outra ao garçom. — Vai ver ele só não sabe ainda exatamente o que quer. Vai dizer que você não preferiria que a garota fosse sincera contigo e evitasse os planos? — Ela pegou a taça das mãos do garçom, bebeu um gole e ergueu ombros. — Assim, não haveria motivo para se iludir.

— Ah, tá. Como se a "sinceridade" dele fosse te deixar menos iludida. — Gargalhei. — Qual é a lógica de cancelar mais um compromisso em vez de te dar um fora de vez?

Eu era um exemplo vivo do que aconselhava a Olívia a *não* fazer. Acho que eu estaria melhor se ela me desse um fora bem redondo na cara, mas era cômodo ficar daquele jeito: dois jantarezinhos por

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 8 01/10/2020 09:19

semana, dentro do conforto da *friendzone*. Doía menos. Ainda assim, minha ideia era válida: saber o que estava acontecendo desde o comecinho seria realmente melhor, porque eu tinha perdido as contas de quantas vezes havia me enforcado por não saber se a corda que uma guria estava me dando era para ir em frente ou para colocar no pescoço. Assim, até certo ponto, o que eu estava dizendo para a Olívia fazia sentido: era melhor levar o fora de uma vez e bora consertar o coração. Por outro lado, também existia eu, Daniel, um cara de carne e osso, que não sabia como sair da situação em que já estava metido.

Ela, de um lado da mesa, perdida em possibilidades sobre o que o Thomas poderia estar fazendo; eu, do outro, me preparando para me afogar no vazio que me preenchia quando nos despedíamos.

Se eu pudesse, se eu conseguisse, colocaria as cartas na mesa e diria que gostava dela. Como isso provavelmente acabaria com a nossa amizade, era mais fácil deixar tudo do jeito que estava e continuar empurrando tudo com a barriga.

— Quer saber? Não tô nem aí. Logo passa. — Ela tomou mais um gole e ficou brincando com as migalhas caídas sobre a toalha. — Sinceramente? Melhor iludida *com* o cara, do que *sem* o cara.

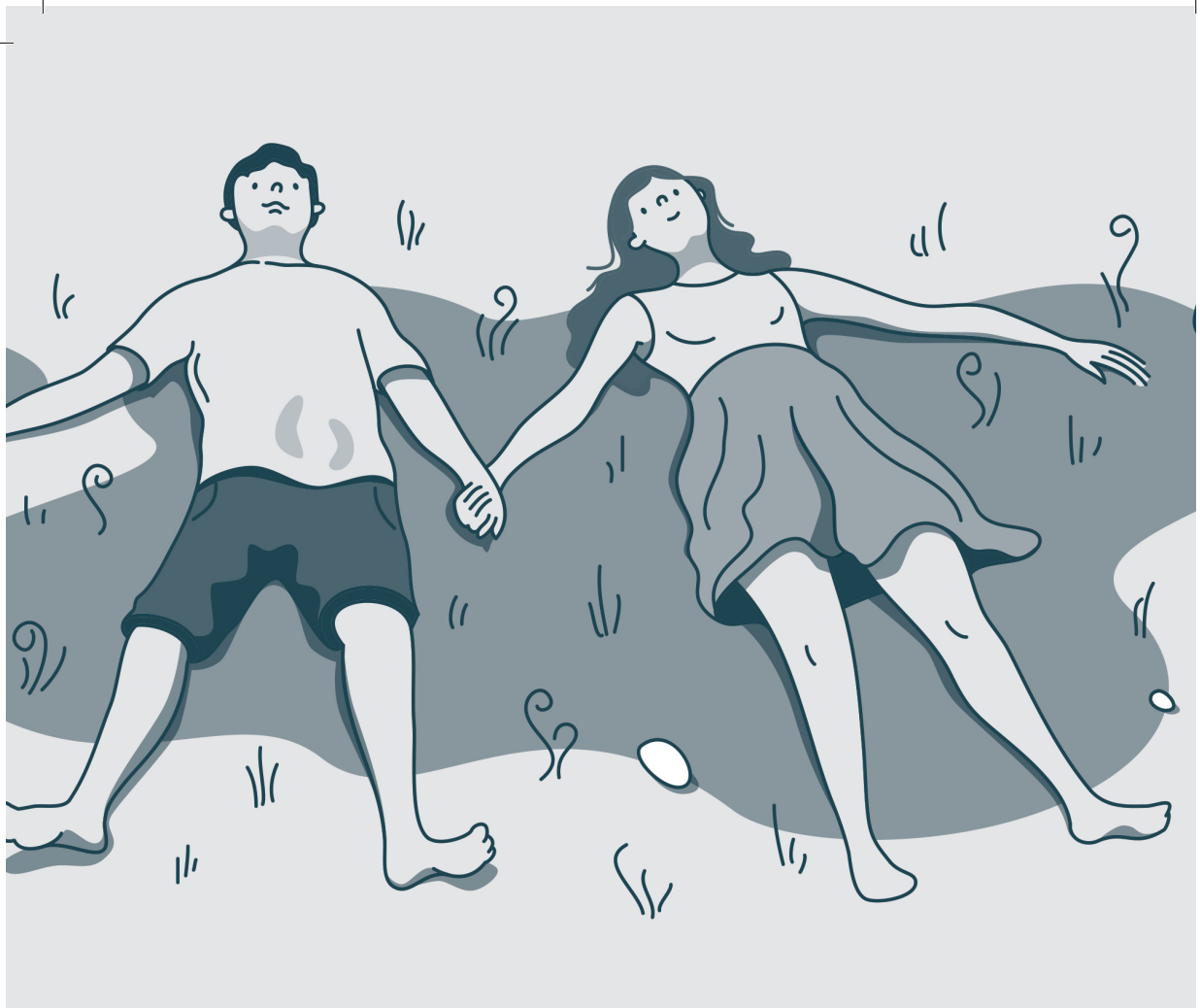
— Mas, gente! — Bati com os dedos na mesa. — Alô? Terra chamando Olívia. Você não tem noção da bosta que tá dizendo?

Não era possível. Ela tinha que perceber que aquilo era uma estupidez. Melhor iludida *com o cara*? Que tipo de relacionamento de merda era aquele? A Olívia, ali, tão linda, inteligente, descolada e mil outros adjetivos que eu poderia list…

Engasguei com o vinho e olhei para o teto para tentar recuperar o fôlego. Eu continuava pagando aluguel e condomínio na *friendzone* fazia *dois anos* porque ela estava certa: melhor iludido *com* a guria, que *sem* a guria.

Com a guria, mas *sem* nenhuma lembrança da noite que tínhamos passado juntos. Será que tinha sido uma boa troca?

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 9 01/10/2020 09:19



VOCÊ DEMOROU POUCO TEMPO
PARA PEGAR QUEM EU ERA
E TRANSFORMAR COMPLETAMENTE.

"FALLIN' ALL IN YOU",
SHAWN MENDES

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 10 01/10/2020 09:19

2

Olívia e eu nos conhecemos em um jantar beneficente dois anos antes. Comprei um convite porque senti que ajudar a ONG era meio que uma obrigação, ainda mais porque eu era Daniel Carboni, o certinho, o exemplo a ser seguido, o cara para casar, ainda que só minha mãe enxergasse isso.

Meus pais eram donos de uma loja de miniaturas e objetos de colecionador, então passei minha infância correndo entre reproduções de espadas medievais e estátuas de super-heróis. Com uma imaginação gigante, escolhi a publicidade como carreira para unir o útil ao agradável: meu amor por histórias malucas poderia se transformar em um saldo bancário decente. Pelo menos era o que eu pensava na época, quando ainda me achava foda o bastante para ganhar Cannes e nem cogitava a existência de puxadas de tapete e traição.

Na verdade, acho que minha paixão por *storytelling* brotou do meu desejo de ter um superpoder para reescrever o que havia dado errado na minha história. Se eu pudesse, o primeiro furo de enredo que eu fecharia seria o final do meu relacionamento com a Letícia, a ex que escapou por entre meus dedos.

Três anos depois do nosso término, eu tinha plena certeza de ter sentido o instante em que tudo acabou. No aeroporto, um frio estranho subiu pela minha espinha quando ela virou as costas para

ir para o portão de embarque, e a forma como a luz iluminou o contorno do seu corpo me dizia que ela iria embora para nunca mais voltar.

Foi uma daquelas cenas bonitas de filme romântico, sabe? A mocinha se afasta, em câmera lenta, atravessando um cenário decorado em tons pastel e, ao fundo, o volume de uma música tipo "Hello", da Adele, vai aumentando.

Era o fim.

Qualquer pessoa perceberia. Qualquer pessoa menos eu, claro.

Ainda acho que eu deveria ter insistido um pouco mais. Poderia ter jogado tudo para o alto e embarcado com ela para a Irlanda para tentar a sorte, porque tudo o que eu tinha estava indo para Dublin, onde eu poderia me matricular em um curso de especialização ou de inglês, sei lá.

Não adiantava. Na minha cabeça, a culpa era minha, e tudo teria dado certo se eu tivesse corrido atrás. Nós nos gostávamos muito e nos dávamos bem, então era natural continuarmos com o relacionamento, mesmo com a distância física, mas acabei deixando pra lá, relaxei.

Ela foi, eu fiquei, e não dava mais para mudar. Vivendo e aprendendo. Não, vivendo e tropeçando, tropeçando na Olívia que, pelo jeito, não estava muito longe de roubar o posto do furacão Letícia.

Então, eu estava falando daquele dia em que conheci a Olívia, não era?

Pois bem, eu não gostava muito de roupas sociais, então, em vez de um blazer preto, escondi uma camisa branca e uma gravata vermelha por baixo de uma malha cinza e pronto. Não seria visto como o melhor partido da cidade naquele evento, mas estava bem apresentável.

Só depois de estar com minha tacinha de espumante nas mãos é que me dei conta de que não conhecia ninguém por lá. Então, fiquei enrolando, observando as pinturas e esculturas à venda e balançando a cabeça para concordar com as madames que me interceptavam no salão.

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 12 01/10/2020 09:19

É claro que algumas taças de vinho acabam com a nossa inibição — e, de vez em quando, com a nossa a dignidade —, então passei também a reparar nas pessoas ao meu redor.

Foi aí que meus olhos tropeçaram nela.

Olívia.

Olívia — que até aquele momento não tinha nome, mas tinha um jeito de olhar que faria metade dos homens presentes jogarem tudo pro alto para fugirem com ela — caminhava emburrada de um lado para o outro com o celular no ouvido.

Se eu tivesse o mínimo de noção, saberia que estava me jogando em um mar fundo demais, mas ela reluzia de uma forma irresistível. Olívia, luz, fonte cintilante de mistério, ia de um canto para o outro, e eu, Daniel, mariposa recém-saída do casulo, desinibido por causa do álcool, voei na direção dela, pronto pra começar a enrolar a corda no pescoço.

— Tá tudo bem? — perguntei, rezando para que ela não mandasse eu me catar. — Precisa de ajuda?

— Oi? — Ela me olhou com uma cara assustada. — Ajuda? Não, não. Só tô tentando ir pra casa — respondeu, balançando o celular na minha direção. — Mas, pelo visto, o seu Joel, o folgado do taxista que costumo chamar, resolveu não trabalhar hoje.

— Tô indo embora daqui a pouco. Se quiser uma carona… — Olhei para o teto para fugir daquela luz que me cegava, daquele canto de sereia. — Olha… Sinceramente? A essa hora, duvido que ele vá acordar.

— É. Provavelmente, o seu Joel deve estar roncando que nem um porco. — Ela balançou a cabeça negativamente e ergueu os ombros, enfiando o celular de volta na bolsa. — Ai, coitado. Ele é um amor de pessoa, sabe, nunca deu uma mancada. Acho que eu é que tô sem paciência.

Ela completou a frase com um sorriso que me prometia uma coisa secreta, um mistério, um convite para um redemoinho de onde eu não escaparia.

— Prazer. — Ela interrompeu meu transe com sua mão estendida. — Olívia.

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 13 01/10/2020 09:19

— Ah, oi. Sou o... o... Daniel.

Olívia morava a uns dez minutos em direção ao sul. Mal prestei atenção no caminho, porque ela, no banco do carona, era uma coisa sobrenatural.

— Não é? — ela perguntou, mexendo na bolsa. — Acho que é.

— Claro que é — respondi, sem saber do que ela estava falando.— Sabe uma coisa que eu detesto? — Aproveitei para mudar o assunto. — Gente rica querendo aparecer.

— Nem me fala. É um tal de *senhor* pra cá, *senhorita* pra lá. Formalidade chata! — Abriu o vidro todo e tirou os sapatos, que balançou nas mãos. — Que nem esses saltos. Que coisa mais desconfortável.

— Desconfortável? Olha, desconfortáveis deviam estar aqueles cachorros... Se não estavam embaixo dos sovacos, estavam naquelas bolsas de grife. Coitados!

— Coitados mesmo. — Ela riu e olhou pela janela. — Ali, ó — disse, apontando para um prédio branco. — Quer entrar?

Meu coração disparou. O que responder àquela deusa?

— Seus pais não vão estranhar você chegando com um desconhecido?

— Desconhecido, não. Eu já sei teu nome... — Sorriu e piscou nada discreta para mim. — Além do mais, já sou mocinha, viu? Moro sozinha no apartamento. Na cidade, quero dizer. Minha família é de São Paulo.

— E como você veio parar aqui? — Estiquei o braço, pedindo que ela tomasse a frente no corredor. — Você não sente falta dos amigos? Da família?

— Ah... — Ela suspirou e foi em direção aos elevadores. Apertou o botão, encostou na parede, me encarou e continuou: — Precisava trocar de ares, sabe? Vem. — Puxou a porta do elevador e me olhou de maneira convidativa. — Mudei para uma cidade menor para me sentir mais em casa.

No corredor, o único som era o da chave girando na fechadura. Na penumbra, ela se movia como se fosse uma aparição, e seus

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 14 01/10/2020 09:19

cachos escorriam pelos ombros e contornavam seu corpo como serpentes. Olívia, Medusa, havia me hipnotizado desde o primeiro segundo.

— Você e sua família não se dão bem?

— Ná. — Ela abriu a porta, virou-se na minha direção e abriu um sorriso de farol no litoral, guiando minha rota até o sofá. — Eu me dou bem até demais com a minha família. Meu problema era a cidade mesmo. Não aguentava mais aquela rotina.

Um tempo depois, ela me confidenciou que seu pai havia morrido e que ela precisou fugir para se recuperar.

Meus olhos se prenderam em um retrato na mesa ao lado do sofá. Olívia sorria, com no máximo quinze anos, sentada ao piano.

— É você? — perguntei, apontando para a foto. — Que novinha!

— Sou eu — ela respondeu, me olhando por sobre o balcão americano. — Eu e meus pais na minha festa de debutante. Que brega, né? E eu reclamando das *socialites* da cidade. — Ela riu, sentou-se ao meu lado e me entregou uma taça já cheia. — Nem perguntei se você queria, mas vai tomar pelo menos um golinho. Não quero nem saber. Saúde!

— Opa! Saúde! — Bati a taça de leve na dela. — Você toca ou o piano era só decoração?

— Tocava. Anos de conservatório. — Levantou-se e foi ligar uma caixa de som. — Ah, por falar em tocar, vou colocar uma *playlist* per-fei-ta que eu fiz. Depois você põe a sua. Vamos ver quem tem gosto musical melhor.

— Desafio aceito. — Esfreguei as mãos e soltei uma gargalhada de cientista maluco. — Não entro em jogo para perder, meu bem.

— É o que veremos.

Ela se aproximou sorrindo. Eu tentava me controlar, mas seu cheiro chegava até mim e me arrastava para o fundo de um mar do qual eu não queria sair.

— Vamos tirar essa gravatinha aqui, porque não tem nada a ver. — Levou os dedos ao meu colarinho, e eu quase caí do sofá. — Não temos mais que ser membros respeitáveis da sociedade.

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 15 01/10/2020 09:19

— Ah... — Minhas cordas vocais se esforçaram, mas estavam enfeitiçadas. — Cl-claro...

Na manhã seguinte, acordei ao lado dela, mas a memória do que aconteceu se perdeu entre aqueles travesseiros, e Olívia se transformou em uma coisa perdida nos meus sonhos, um gosto escondido nos meus lábios, um sussurro gravado nos meus ouvidos.

Ah, Olívia, Olívia.

Uma presença, um fantasma, uma promessa.

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 16 01/10/2020 09:19

EU SONHO COM O DIA EM QUE VOCÊ DEIXARÁ DE SER UMA ILUSÃO.

“RUN TO YOU”, LEA MICHELE

3

Olívia e eu costumávamos nos encontrar em todos os domingos e quintas. Nossas noites eram mais ou menos um jogo: o primeiro nível era fácil. A gente chegava, se espalhava na mesa, tomava a primeira dose e conversava sobre músicas, filmes e séries. Aí, chegava a hora do primeiro *boss*: trabalho. Olívia tinha mais dificuldade em vencer o primeiro chefão, porque era nova na empresa e tinha uma supervisora exigente demais, enquanto eu trabalhava no melhor lugar do mundo. Depois de muita reclamação e uns goles da segunda dose, pá! *Level up*. A segunda fase era bem divertida: falar mal da vida amorosa dela era *para mim* mais ou menos um circuito legal do Mario Kart. No momento, Thomas era o carrinho na minha frente, enchendo meu caminho de cascas de banana. Ao final da terceira bebida, *level up*. Dividíamos a conta e íamos para o apartamento dela.

— Eu acho mesmo é que você tá tentando transformar o Thomas em um novo Pedro — retruquei, pegando pesado, tipo a rainha dos dragões, Daenerys gritando *Dracaaaaarys* para tocar o terror em *Guerra dos Tronos*. — Até parece que você não gostava de quando ele viajava e te deixava sozinha para fazer o que bem entendesse.

— Ah, Dan, se liga. Que Pedro o quê! O Pedro viajava muito por causa do trabalho. Era diretor de construtora. — Tomou um gole e pegou o celular novamente, o que aumentou minha irritação. — Só falta começar agora com o mesmo discurso do meu psicólogo: *ai, você*

sempre procura homens que não estão disponíveis — disse, com uma voz engraçada e uma careta. — *Homens que não estão disponíveis*. Pfft! Até parece.

— E não é? Pelo menos, é essa a novela que vejo há dois anos, meu bem.

— Negativo! Não viaja. O Thomas é diferente. É só que...

Os olhos de Olívia pousaram sobre o celular, que havia se iluminado com alguma notificação. Desbloqueou a tela, teclou alguma coisa rapidamente, deu um longo suspiro e, depois, voltou para o planeta Terra.

— É só quê? — perguntei.

— Então... É só que nós ainda não sabemos exatamente como ficar juntos de um jeito livre.

— De um jeito livre? — Cruzei os braços, bufei e apontei para o celular. — Como de um jeito livre? Vai dizer que o cara agora te controla com babá eletrônica?

— Vamos encher essa taça novamente porque você não tá bem. — Olívia soltou um risinho sarcástico e veio com a garrafa na minha direção. — Toma mais um pouquinho, vai. Relaxa. Faz bem. Acaba com essas paranoias. — Pegou o celular novamente. — Se quiser, te mando o contato do doutor Alfredo.

— Não muda de assunto.

— Ih, Daniel Carboni... Desencana! — Olívia sorriu daquele jeito mágico que me desarmava e me faria roubar um banco. — Se tem uma coisa que você me ensinou foi a *mudar* de assunto ou a *evitar* assuntos.

Não era a primeira vez que ela me dava uma indireta daquelas e, como sempre, eu não soube como reagir. Olívia vivia em dois lugares diferentes ao mesmo tempo: o primeiro, no qual a gente conversava e se entendia; o segundo, no qual ela só se comunicava por meio de enigmas que não faziam o menor sentido. Não pra mim, pelo menos.

— Oi? Do que você está falando?

— Ah... Nada. — Ela revirou os olhos e balançou a garrafa. — Vai arregar?

— Tudo bem, vai, *uma* taça. Mas, voltando... Eu ainda acho que você deveria largar a real pro Thomas — insisti e deitei as costas no sofá. — Vai dizer que você não preferiria alguém que pudesse te dar algumas certezas?

— Largar a real? Algumas certezas? — Ela gargalhou, tirou os sapatos e voltou a me encarar, muito séria. — Dizer que eu quero ter algo oficial para poder andar na rua de mãos dadas? Dizer que quero levar ele no jantar de fim de ano do escritório? Nem fodendo!

— Por que *nem fodendo*? Olívia, olha, acho que você não tá falando coisa com coisa.

— Ah! Você deveria tentar entender as coisas do *meu* ponto de vista. — Ela entregou a taça na minha mão, encostou a cabeça no meu ombro e brincou com o dedo no meu queixo. — Neném, vê se eu tenho cara de Daniel Carboni pra sair por aí sendo totalmente sincera com as pessoas que fazem parte da minha vida...

Ela me deu um beijo na bochecha e me encarou. Da caixa de som saía "Something Just Like This", do The Chainsmokers, a única música de que eu me lembrava da *playlist* daquela noite fatídica. Por que eu não tinha coragem para perguntar o que tinha acontecido? Por que ela nunca tinha me falado nada a respeito?

Ainda me encarando, ela resgatou sua taça da minha mão. Nossos rostos se aproximaram, me cobrindo com uma neblina que misturava o cheiro dela à minha vontade de desvendá-la.

E com a falta de coragem para tomar a iniciativa, infelizmente.

Há tempos havíamos nos protegido em um mundo particular cercado por muros altos que nos impediam de descobrir o que éramos um para o outro. Assim, ela não perguntava e eu não respondia.

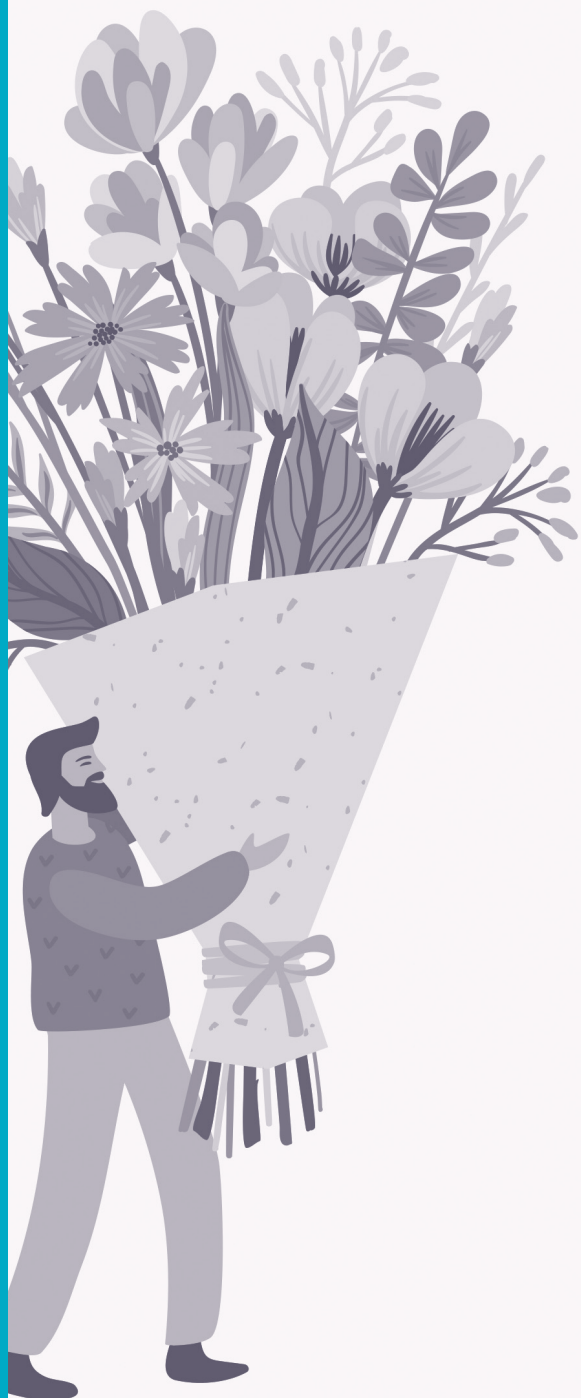
No nosso universo, éramos guerreiros numa única batalha: Olívia sabotando seus próprios relacionamentos, e eu falando mal dos namorados dela para que ela me enxergasse como uma possibilidade.

Mas será que eu era?

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 20 01/10/2020 09:19

ÀS VEZES EU ME PERGUNTO SE O MUNDO ESTÁ TORTO OU SE SOU EU.

"SOMETHING WRONG", JAKE BUGG



4

Às 8h47, acordei com o sol batendo no meu rosto.

Minha cabeça latejava, minhas costas doíam e meus olhos embaçados de sono não me ajudavam muito a entender onde eu estava.

Olhei ao meu redor, e uma neblina familiar esgarçava os contornos do real, misturando meu corpo aos meus sonhos e confirmando a ausência das lembranças que eu nunca mais recuperaria.

Eu e minha amnésia alcoólica, uma dupla perfeita.

Fui procurar Olívia. Pela porta entreaberta, identifiquei suas pernas encolhidas sob o lençol e o cabelo revolto sobre os travesseiros. As notas de "I Will Wait", do Mumford & Sons, dançavam pelas paredes e se aninhavam sobre suas palmas.

Me sentindo clandestino, juntei chaves, carteira e o resto da minha dignidade, parei na cozinha para tomar um copo d'água e fui embora. Deixei uma mensagem no celular dela para quando acordasse.

Entrei no carro e tentei fazer um inventário da catástrofe. Estava muito atrasado, então não teria tempo para passar em casa. O que poderia fazer era parar em alguma loja de conveniência para tentar rebater aquela ressaca estranha. Física ou moral? Não sabia. Teria o dia todo para remoer essa questão.

Comi um salgadinho qualquer e virei uma lata de guaraná meio sem gelo. No banheiro, joguei água no rosto, escovei os dentes e

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 22 01/10/2020 09:19

renovei o desodorante. Me encarei no espelho. A água gelada escorria da minha cara e descia pelas marcas do meu cansaço, demorando-se em meus olhos um pouco inchados. Por que eu estava me sentindo daquele jeito? Eu e Olívia não tínhamos nada, éramos apenas amigos.

A-mi-gos.

Não fazia o menor sentido ter ciúmes do celular dela.

Será que eu precisava do telefone do doutor Alfredo?

Estacionei o carro na frente da empresa como se chegasse em casa. Eu amava trabalhar na Trave e, nas últimas semanas, os momentos mais felizes dos meus dias eram vividos sob aquele teto.

Eu adorava como o Menelli tratava os funcionários e curtia muito o ambiente, mas o que me convencia mesmo de que lá era o lugar certo para mim era a presença do Ulisses, meu melhor amigo.

Éramos praticamente extensões um do outro, e isso se traduziu em uma rotina de almoços e jantares em família, em noites de bebedeira e videogame e em uma cópia da chave do meu apartamento na carteira dele.

Como ele também havia estudado Publicidade, fiz a indicação para a primeira vaga que apareceu. Depois de contratado, o Ulisses passou uns dois meses me agradecendo, pois a Trave não só era principal agência da região, mas também tinha as paredes e as salas decoradas com faróis de Fusca e carcaças de Kombi, ou seja, um paraíso para um cara apaixonado por carros antigos.

Admito que grande parte da minha felicidade atual com meu trabalho vinha da inscrição de um projeto meu no Festival de Cannes. Eu, Daniel Carboni, que mal tinha barba na cara e que não conseguia ter uma vida amorosa 50% decente, em Cannes. *Cannes*. Tranquei o carro e fui repetindo mentalmente até chegar à recepção: Cannes, Cannes, Cannes. Não era qualquer porcaria, não.

Era Cannes.

Cannes!

Minha sacada tinha sido genial: se todas as marcas de bebidas alcoólicas diziam "se dirigir, não beba", por que não imprimir códigos

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 23 01/10/2020 09:19

promocionais em parceria com aplicativos de transporte nas latas de cerveja? Foi o que fizemos. Produzimos um comercial de TV todo engraçadinho, descolado e explicativo e *voilà!* Sucesso de público e inscrição em Cannes.

Apesar de a campanha estar bombando, havia algo de podre no reino da Trave, algo de podre que só Sherlock Holmes conseguiria resolver: algumas peças da decoração retrô da agência haviam sumido e, infelizmente, não havia câmeras. Pra piorar, como o Ulisses era o único alucinado por aquelas quinquilharias, a fofoca já tinha começado.

Afastei esse pensamento e sorri para a Renatinha, a recepcionista. Coloquei meus fones de ouvido e dei play em "Apologize", do OneRepublic com o Timbaland, porque era a lata de energético que meu corpo precisava para continuar a combater a ressaca.

Subi pelas escadas até o terceiro andar e passei na frente da sala de reunião em que cinco coitados estavam à beira de um ataque de nervos tentando controlar os efeitos de um escândalo de corrupção em que um dos nossos clientes havia se metido. Acenei e sorri, mas as caras de enterro mal perceberam minha existência.

No extremo oposto do andar, sentei na minha cadeira velha de guerra e recuperei o controle dos meus domínios: minha mesa, meu computador, minha caneca de café. Eu era o dono daquele castelo e o defenderia com unhas, dentes e bafo de vinho velho. Do alto da minha torre, tinha visão privilegiada do resto do território e do meu exército de treze pessoas. Ri e balancei a cabeça, mandando embora as lembranças das campanhas de rpg que eu jogava na loja dos meus pais quando era moleque.

Passeei os olhos pelo nosso setor, que era um dos menores da empresa. Tirei meus fones e reparei em Ulisses, que estava calado, estranho, com cara de bunda.

— Bom dia, senhores! — gritei e apertei o botão de ligar o computador.

— Bom dia — os três responderam juntos, de um jeito meio chocho.

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 24 01/10/2020 09:19

Fiquei sem entender, porque eles estavam sempre animadões. Voltei a encarar Ulisses, que agia como se eu não existisse.

— Como você tá, cara? — Fui até a mesa dele enquanto minha máquina ligava. — Tá tudo bem?

— Tá, tá, sim — ele respondeu sem me olhar. — Normal.

— Hmmm... Tá com a mesma roupa de ontem... — A voz de Breno veio do outro lado da sala. — Pelo jeito a noite foi boa, hein?

— Quem dera. — Pensei em tirar onda, mas a verdade é que eu não sabia onde enfiar a cara e muito menos o que tinha acontecido entre mim e a Olívia. — Falhas de logística, meu caro, falhas de logística, só isso.

Voltei para o meu castelo e encarnei o detetive particular. Meus olhos se fixaram na minha caneca e nos círculos concêntricos que se formavam no resto de café do dia anterior e depois foram para o pé direito de Ulisses, que batia incessantemente no apoio da cadeira.

Por mais que ele estivesse encrencado com uns problemas de campanha, não era para tanto. Depois de umas noites em claro torrando meu cérebro, apresentei algumas sugestões para ele, o que praticamente resolveria o caso.

Subi novamente em minha torre e observei. Alguma coisa estranha estava acontecendo no meu reino, mas eu não conseguia descobrir o quê.

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 25 01/10/2020 09:19

Ulisses insistia em não me encarar, e Menelli falava, falava, falava, mas eu não conseguia escutar nada. Era como se meus ouvidos estivessem desligados. Só podia ser um episódio de *Além da imaginação*.

— Daniel? — Menelli estalou os dedos chamando minha atenção. — Tá me ouvindo?

— Desculpe. — Balancei a cabeça, rezando para acordar. — Vou pegar uma água. Não tô bem.

Senti os olhos de Menelli queimando minhas costas no breve espaço entre a mesa e o filtro. Encher um copo nunca demorou tanto na minha vida.

A água desceu estranha, dura, pontuda, até o meu estômago.

— Pois bem, Daniel. — Ele observou eu me sentar e continuou: — O Ulisses trouxe algumas informações muito delicadas até mim hoje.

— É... — Ulisses reforçou, reticente, com as mãos nos bolsos e os olhos no teto. — Não tem o que fazer.

— Você tem certeza de tudo o que me disse, Ulisses?

— Absoluta.

— Daniel, é por isso que te chamei aqui. — Ele se levantou, puxou as calças pelos passantes, ajeitou-as na cintura e começou a passear pelo escritório. — Você sabe muito bem que sempre tratei vocês como meus filhos, porque é assim que eu considerava todo mundo aqui. É por isso mesmo que o que tenho que fazer é tão doloroso.

— Mas, Menelli... — Tentei dizer alguma coisa, mas eu não tinha noção do que estava acontecendo. — Eu nem se...

— Daqui a pouco você vai saber, Daniel Carboni — ele me interrompeu, seco, enfiando e torcendo meu nome completo no meu coração como se fosse uma daquelas facas serrilhadas de caça. — Antes de mais nada, gostaria que você soubesse que estou muito decepcionado. — Suspirou e passou a mão pelos cabelos, ainda indo de uma ponta à outra da sala. — Eu não esperava isso de você. Nós poderíamos ter conversado.

Ele parou em minha frente e eu fiquei sem fôlego, pois seu olhar de desprezo estava acabando comigo.

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 28 01/10/2020 09:19

— Para dizer a verdade, eu poderia ter te dado a luminária, se você quisesse tanto assim.

— Ãhn? — Levantei os olhos procurando pelos do Menelli e senti meu queixo caindo. — Do que você tá falan...

— Não precisa mentir, Daniel... — Ulisses me interrompeu. — O Menelli já sabe de tudo.

— De tudo o quê? — Eu estava tão transtornado que não sabia nem o que dizer. — Do que você tá falando, Ulisses?

— Da luminária, Daniel, da luminária. — Ulisses respondeu com um tom de voz que eu nunca tinha ouvido antes. — Eu estava lá, mas você não me viu. Estava no canto da recepção quando você pegou a luminária de farol de Fusca na semana passada.

Levei a mão ao peito, achando que teria um ataque cardíaco. A sala girou e minha visão perdeu o foco por um instante. Eu, roubando a Trave? Pior. Meu melhor amigo me incriminando de uma coisa que eu nunca faria? Pior ainda. Eu nem gostava de Fuscas!

Procurei Menelli, que continuava impassível olhando pela janela que dava para a rua.

— Mas, Ulisses... — sussurrei, meio derrotado, sem saber como reagir. — Eu nunca roubei nem um clipe da Trave.

— Pode não ter levado nenhum *clipe*, mas levou a *luminária*. — Menelli veio na direção da mesa onde estávamos e retomou seu lugar. — Continue, Ulisses, por favor.

— Então... — O desgraçado me olhou com uma cara cínica e continuou: — Eu vi, Daniel, eu vi. Não precisa mais mentir.

— Mas viu como, Ulisses? — Eu o encarei com um ódio que poderia ter causado a Terceira Guerra Mundial. — Como você me viu roubando uma coisa que eu não roubei? Que não tá na minha casa?

— Se está na sua casa atualmente, não sei. — Ele destravou o celular, rolou a barra algumas vezes, colocou-o sobre a mesa e empurrou-o até mim. — Tá aí, ó. Não tem como negar.

— Tá aqui, o quê? — Peguei o aparelho e, para a minha surpresa, lá estava a luminária, sobre o armário que ficava perto da porta de entrada do meu apartamento. — Mas... Como... Ulisses. Para de brincadeira.

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 29 01/10/2020 09:19

— Contra provas não há argumentos, Daniel — Menelli interveio, com uma voz dura, coroada por um olhar carregado de um tipo de reprovação que eu nunca tinha recebido na vida, nem dos meus pais. — Olha, eu sempre confiei muito em vocês. Em todos vocês. — Ele levantou-se novamente e voltou a andar pela sala. — Tanto que nunca coloquei uma câmera sequer nesse escritório.

— Mas... — Minha voz teimava em tentar dizer alguma coisa que pudesse explicar o que estava acontecendo, mas nada fazia sentido. — Eu... Menelli...

— Daniel, eu via vocês, nós, como uma família... — Ele fez uma pausa de alguns segundos, voltou para a mesa e ficou encarando o celular do Ulisses. — Na verdade, você podia ter me pedido a luminária. Eu teria te dado de presente ou vendido por um preço simbólico, mas você preferiu roubar.

— Menelli, eu não fiz nada. — Eu tremia. Minha voz insistia em sumir da minha garganta. Eu estava à beira do choro. — Eu não levei essa luminária embora.

— Essa daí não é a sala da tua casa, guri?

— É.

Dentro de mim, eu procurava alguma solução milagrosa, quem sabe um lance quântico de, ao mesmo tempo, a luminária ter sido roubada e não ter sido roubada por mim. Em que realidade paralela eu tinha acordado?

— Mas eu não levei nada embora, nada — falei e olhei para o teto para evitar que as lágrimas descessem. — Eu nunca levaria nem meu computador para casa sem que você soubesse.

— Eu também achei que seria assim. — Menelli deixou os olhos sobre Ulisses por alguns segundos e, depois, retornou a mim. — Não tenho palavras para dizer o quanto esses acontecimentos me incomodam. Detesto que isso tenha acontecido. Detesto que tenha acontecido com você, ainda por cima, que era um dos destaques da equipe, alguém com quem eu sempre contava. — Ele suspirou fundo, pegou um papel de sua gaveta e, juntamente com uma caneta, empurrou-o em minha direção. — Mas eu tenho que fazer o que eu tenho que

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 30 01/10/2020 09:19

fazer. Pelo bem da Trave. Não vai haver processo, não vai haver nada. Nossos advogados fizeram esse documento. É só você assinar.

— Ãhn? — Meus olhos iam e vinham entre Ulisses e Menelli. — Assinar?

— Sim, Daniel. — Menelli se levantou e bateu de leve no ombro de Ulisses, que também ficou de pé. — Está tudo aí. Dê uma lida. Você está despedido.

O mundo desabou ao meu redor no exato instante em que essa frase chegou ao meu cérebro. Sem ler, assinei nos lugares marcados com um x e arrastei meu corpo derrotado até meu castelo. Mergulhado em algo perdido entre a melancolia e o ódio, juntei minhas tralhas e joguei tudo na mochila.

Meus olhos se demoraram na minha mesa, no jeito como as canetas estavam enfiadas no meu porta-lápis, no *post-it* amarelo que eu havia deixado grudado no telefone para eu me lembrar de ligar para a minha mãe na hora do almoço.

Não tinha o que fazer.

Meu castelo havia sido tomado.

O fosso não conseguira parar os inimigos.

A ponte levadiça havia sido baixada.

A cidade, invadida.

Tudo estava perdido.

Já era.

Eu tinha sido apunhalado nas costas, e minha coroa tinha sido roubada pelo meu conselheiro, pelo filho da puta chamado Ulisses.

Ao meu lado, ouvi passos pesados se aproximando.

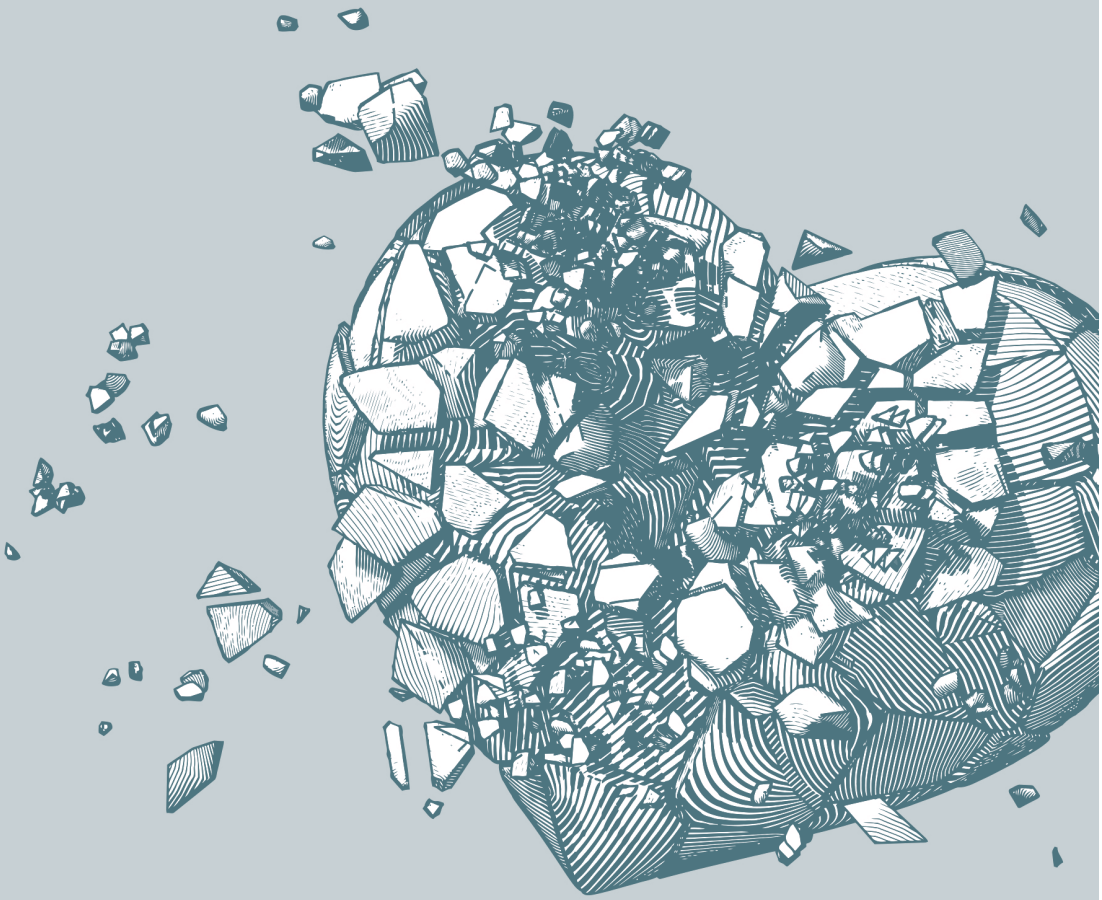
Era ele.

— Desculpa, cara — ele sussurrou, sentou-se em sua cadeira e começou a trabalhar como se nada tivesse acontecido, como se ele não tivesse destruído minha carreira. — Era a única saída.

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 31 01/10/2020 09:19

O IMPACTO DO MEU CORPO COLIDINDO COM O CONCRETO FOI BRUTO E LENTO. SENTI CADA UMA DAS PARTES QUE SE DESPEDAÇARAM DO MEU CORAÇÃO SE DESGRUDAREM, UMA POR UMA. O QUE VOCÊ FEZ?

"BROKEN", JAKE BUGG



ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!

FiqueSabendo

FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2020

[miolo] As duas versões dE nós dois - OGF - 03.indd 176 01/10/2020 09:19